Bilac, João do Rio e a Exposição Nacional de 1908¹

Bilac, João do Rio and the National Exhibition of 1908

Luiza Helena Sampaio Corrêa Mariani | lmariani@terra.com.br
Professora adjunta da Faculdade de Comunicação Social da Uerj.
Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Mestre em
Letras pela PUC-Rio.

Resumo

Este ensaio propõe uma reflexão acerca de valores, sonhos, crenças e costumes da sociedade carioca no início do século XIX, percebidos em crônicas dos jornalistas, cronistas e escritores Olavo Bilac, conhecido como o Príncipe dos Poetas, e Paulo Barreto, o João do Rio, ao comentarem a Exposição Nacional de 1908, realizada na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Bilac; João do Rio; Exposição Nacional de 1908.

Abstract

This essay proposes a reflection on values, dreams, beliefs and on the way of life of the carioca society in the early years of XX century through the lens of the journalists, chroniclers and writers Olavo Bilac – known as the Prince of Poets – and Paulo Barreto – also known as “João do Rio”, as they comment the National Exhibition of 1908, in Rio de Janeiro.

Keywords: Bilac; João do Rio; National Exhibition of 1908.

Escrevo do lugar da jornalista profissional e da professora pesquisadora que sou, há mais de dez anos interessada no estudo do texto jornalístico, especialmente a crônica, na fronteira com a literatura. A questão que se coloca neste pequeno ensaio é pensar como o jornalismo do início do século XX lidou com a Exposição Nacional realizada no segundo semestre de 1908, na cidade do Rio de Janeiro. Ou melhor, como os escritores, jornalistas e cronistas Olavo Bilac, também conhecido como o Príncipe dos Poetas, e Paulo Barreto, que usava o pseudônimo de João do Rio, lidaram com a exposição, através de textos publicados em jornais da época, como a *Gazeta de Notícias* e o *Jornal da Exposição*.

O que se procura nos textos desses autores é desvelar alguns dos valores, sonhos, crenças e costumes da sociedade urbana carioca há 100 anos, tentando ainda perceber traços destas questões revisitadas neste início do século XXI.

Inaugurada pelo então presidente da República Affonso Penna, no dia 11 de agosto de 1908, na Avenida dos Estados, hoje Avenida Pasteur, na Urca, para celebrar o primeiro centenário da Abertura dos Portos, a Exposição reuniu representações de todos os estados da Federação, que exibiam seus produtos e serviços em ricos pavilhões, e distribuía-se entre jardins, cinemas, teatros, restaurantes e cafés. No Pavilhão da Imprensa, por exemplo, construído em madeira e vidro, Olavo Bilac editava o *Jornal da Exposição*, à vista do público.

Comuns na virada do século XIX para o século XX, as grandes exposições eram um meio de divulgar o que estava acontecendo nos países, a exemplo das promovidas na França, Alemanha, Inglaterra e Bélgica. O Brasil participou de algumas exposições na Europa. No continente americano, recebeu um prêmio na exposição realizada em Saint Louis, nos Estados Unidos, em 1904.

Quatro anos depois, com a exposição organizada no Rio de Janeiro, o Brasil deixou o papel de mero participante. Organizou-se e colocou-se como protagonista no movimento de grandes exposições realizadas por importantes países do mundo.

Embora sem as dimensões de uma Exposição Universal, como as Londres, Paris, Berlim e Bélgica, a Exposição Nacional realizada no Rio de Janeiro ficou aberta durante três meses e hospedou pavilhões de outro país, Portugal. Recebeu a visita de mais de um milhão de pessoas pagantes. Mostrou “O Brasil por dentro”, como disse a arquiteta, urbanista e historiadora Margareth da Silva Pereira, organizadora do livro “1908: um Brasil em Exposição”, editado pela Casa Doze Projetos & Edições e lançado em fevereiro deste ano.

Bilac e João do Rio também lançaram um olhar para dentro do Brasil nos textos que escreveram a respeito da Exposição de 1908. Como jornalistas, escritores e cronistas, eles comentaram o que viam ao longo da avenida, construída perto do mar da Praia Vermelha e do Pão de Açúcar: recortaram o vai-e-vem do público, esmiuçaram o comportamento da sociedade ali presente, criticaram, elogiaram, reivindicaram e recomendaram uma visita à exposição como um bom programa para um domingo ensolarado.

Precioso material para pesquisa, a crônica está localizada na fronteira entre o jornalismo e a literatura. Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari situam a crônica a meio caminho entre o jornalismo e a literatura (1986). Do jornalismo o cronista retira o fato do cotidiano que vai alimentar o seu texto. Da literatura retira ferramentas que são interditas no jornalismo: os recursos literários.

Antonio Candido, no conhecido texto intitulado *A vida ao rés-do-chão*, ensina que a crônica pega o miúdo do dia-a-dia e dali pode alcançar o universal (1993). Quer dizer, o cronista, tal como o jornalista, parte de um fato do cotidiano, mas tem liberdade para ficcionalizar este fato, comentá-lo ou fazer uma reflexão. Enfim, está livre para criar, a partir de um fato do cotidiano.

David Arrigucci Jr. frisa que “a crônica é ela própria um fato moderno, submetendo-se aos choques da novidade, ao consumo imediato, às inquietações de um desejo sempre insatisfeito, à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna, tal como esta se reproduz nas grandes metrópoles [...]” (ARRIGUCCI, 1987).

Enfim, cronistas tematizam um fato. Jornalistas apuram um fato ocorrido e narram este fato para o para o público. Os cronistas comentam o fato e podem utilizar recursos da literatura. Então a crônica situa-se como um laboratório, onde é possível desvelar valores, sonhos, modos de viver da sociedade, comentados em texto leve.

Aqui neste pequeno estudo a conceituação da crônica torna-se relevante, uma vez que desvela seu papel de registro, observação e comentário de fatos do cotidiano. Nos temas selecionados pelos autores aparece um viés do modo como a sociedade do início do século XX vivenciava valores do passado e já apontava expectativas para o futuro.

No levantamento de textos de Bilac e João do Rio para uma exposição no Centro Cultural dos Correios, em fevereiro deste ano, revisitando através de documentos e fotografias a Exposição Nacional de 1908, a pesquisadora Mariana Handofsky e eu fizemos uma leitura do *Jornal da Exposição*, a *Gazeta de Notícias*, o *Jornal do Brasil* e o *Jornal do Commercio*, além do livro *Bilac, o Jornalista*, de Antonio Dimas (2006).

Na presente análise, privilegia-se a *Gazeta de Notícias*, o *Jornal da Exposição* e a coletânea de Dimas acerca dos textos de Bilac. Na *Gazeta* e no *Jornal da Exposição* foi possível resgatar textos de Bilac e João do Rio. A *Gazeta* e o *Jornal da Exposição* estão disponíveis na Biblioteca Nacional. O primeiro diário encontra-se microfilmado, embora algumas páginas tenham se perdido. O segundo, encadernado em grossa capa, abre-se ao manuseio.

João Paulo Alberto Coelho Barreto, nome registrado na certidão de João do Rio, nasceu na rua do Hospício, hoje rua Buenos Aires, no centro da cidade do Rio de Janeiro, no dia 5 de agosto de 1881. Era filho de um professor de mecânica e astronomia que lecionava no Colégio Pedro II, Alfredo Coelho

Barreto, e de dona Florência Cristóvão dos Santos Barreto. Estudou português no Mosteiro de São Bento e depois entrou para o ginásio no Colégio Pedro II.

Nesta breve pesquisa, não cabe uma longa biografia do autor que entrou para a Academia Brasileira de Letras em 1910 e escreveu, entre outros textos famosos, “A alma encantadora das ruas” e “Vida vertiginosa”, e contos como “A mulher e os espelhos” e “O bebê de Tarlatana Rosa”.

João do Rio publicou o primeiro texto jornalístico em 1899, no jornal *A Tribuna*, seguido de colaborações para *A Cidade do Rio*, um periódico de José do Patrocínio, comentando o naturalismo, autores como Zola e Dumas Filho. Depois de tentar o ingresso no Itamaraty, onde foi barrado, entrou de vez para o jornalismo.

Escreveu em jornais como *O Paiz*, *O Tagarela* e o *Correio Mercantil*. É interessante registrar que assinava com um “X” seus textos na coluna “A cidade”, publicada na *Gazeta de Notícias*. Em 1908 abordou a Exposição Nacional em diversos textos, entre os quais os publicados na sua coluna “Cinematographo”, na *Gazeta de Notícias*. Ele faleceu em junho de 1921.

Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac nasceu no Rio de Janeiro no dia 16 de dezembro de 1865, filho de Brás Martins dos Guimarães Bilac e Delfina Belmira dos Guimarães Bilac. Aluno aplicado, conseguiu aos 15 anos licença especial para entrar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tentando fazer a vontade do pai, que era médico. Não concluiu o curso de Medicina nem o de Direito, que frequentou mais tarde em São Paulo.

Foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras (1896), jornalista, poeta e cronista, autor da letra do “Hino à Bandeira”, frequentador de rodas boêmias e literárias no Rio de Janeiro. Estreou como poeta com a publicação do soneto “Sesta de Nero”, na *Gazeta de Notícias*, em 1884, recebendo comentários elogiosos de Artur Azevedo. Foi eleito Príncipe dos Poetas Brasileiros em 1907, pela revista *Fon-Fon*. Escreveu também crônicas, novelas, críticas, teatro infantil e realizou conferências literárias. Entre seus poemas, um dos mais conhecidos é “Língua Portuguesa”, um soneto “à última flor do Lácio, inculta e bela ...”.

Na pesquisa de jornais realizada para a Exposição Nacional de 1908, relevou-se sobretudo o período julho-agosto daquele ano, ou seja, enfocou-se os últimos preparativos das obras, em julho e início de agosto, e as duas semanas subsequentes à inauguração, no dia 13 de agosto. O jornal que dedicou maior espaço foi a *Gazeta de Notícias*. Este jornal circulou de 1875 a 1942. Em suas páginas escreveram Machado de Assis, Capistrano de Abreu e José do Patrocínio, entre outros autores. Em 1908, a *Gazeta* abriu espaços generosos para acompanhar a Exposição Nacional, desde as obras de construção.

Nas folhas do jornal conviveram as páginas que louvavam a mostra nacional e as mazelas que afligiam a população pouco antes da abertura

oficial da exposição, como se vê na matéria noticiada na capa da *Gazeta*, no dia 17 de julho: peste vermelha!

A varíola aumenta – a nossa campanha – a entrevista com o Dr. Oswaldo Cruz – O Hospital de São Sebastião cheio – O Paula Candido – Uma idéia cuja realização é urgente – A triste situação dos doentes nos subúrbios

Continua cada vez mais alarmante o estado sanitário da cidade. A epidemia assume proporções tais que ainda os espíritos mais calmos se estão impressionando com a lastimável situação em que se encontra o Rio de Janeiro. [...] A actual epidemia de varíola é a mais terrível que tem desabado sobre esta cidade. [...]

Os maiores espaços do jornal, contudo, contemplavam a Exposição. No dia 2 de julho de 1908, por exemplo, noticiou uma visita às obras da exposição do então presidente Affonso Pena, sua esposa, Mme. Affonso Pena, o ministro da Indústria, Miguel Calmon, que “saíram em 2 automóveis do palácio, às 8hs da manhã, rumo à Praia Vermelha, sendo recebidos pelos srs. Drs. Sampaio Correia e general Thaumaturgo de Azevedo”, entre outras autoridades. Frisou o jornal que “Ao retirar-se, às 11 horas, o sr. Presidente não ocultou o agrado que recebera da visita e a magnífica expectativa com que S.Ex. aguarda o brilhantismo da Exposição”.

137

O jornal não economizava adjetivos para elogiar a iniciativa da Exposição, noticiando o dia-a-dia das obras de construção dos pavilhões da Exposição Nacional, o vai-e-vem dos visitantes. A *Gazeta* tratava regiamente a Exposição, inclusive com fotografias que ocupavam páginas inteiras.

No dia 8 de julho, a *Gazeta* informava que a inauguração da Exposição seria adiada do dia 14 de julho para o dia 15 de agosto, “para que se finalizassem as obras”. No dia seguinte, o jornal dedica várias páginas à Exposição. Em uma das matérias, “O novo rumo da administração no Brazil”, indaga o destino que seria dado às construções, depois de encerrada a Exposição Nacional, e sugere que os pavilhões poderiam ter um aproveitamento escolar, ficando o Palácio Geral da Exposição para a Escola Polytechnica; o Palácio da Indústria para a Faculdade de Direito e no edifício Benjamin Constant ficaria a Escola de Medicina. “Por que não falar logo no abandonado projeto da Universidade?”, questionou a *Gazeta*.

O *Jornal do Brasil* também abriu espaço, principalmente a partir do final do mês de julho. O jornal priorizou fotos que tomavam às vezes páginas inteiras. Depois da inauguração, o *JB* publicou, dia 29 de agosto, matéria não assinada em uma coluna, procedente de Lisboa, intitulada “Viva o Brasil!”, com direito a ponto de exclamação, comentando a “inauguração da Exposição do Rio de Janeiro”.

A mostra nacional foi inaugurada no dia 11 de agosto. A *Gazeta* comemorou, publicando na capa daquele dia:

A maravilha do esforço nacional vai enfim revelar-se ao publico – mais algumas horas, hoje mesmo e a Exposição Nacional será o milagre realizado. A uma hora da tarde, a hora official para a solem-nidade official, a Exposição começará a sua phase de festas na gloriosa apotheose do seu triumpho.

Triumpho tanto mais ruidoso quanto demonstra que, entre nós, em seis meses de tenacidade e de esforço, se consegue já a realização de um sonho numa verdade irreductivel de energia.

O programa da festa, anunciado pelo jornal, previa uma queima de fogos de artifício: foguetes semaphoricos formando uma saudação, foguetes multicoloridos, bombas projetando estrelas multicores. No dia da inauguração o preço da entrada foi de 2\$ por pessoa. Nos outros dias, o preço do ingresso seria determinado pelos diretores executivos da Exposição entre os limites de 500\$ e 2\$000. A entrada era franca para crianças acompanhadas, com idades até de dez anos.

Havia muitas novidades sobre a Exposição para atrair a atenção dos cronistas Bilac e João do Rio. No mesmo dia 11 de agosto, João do Rio assinou na *Gazeta* um texto intitulado “Na Exposição Nacional: o renascimento da arte portugueza”:

Um homem de triste pensar disse um dia:

_ O sentimento da belleza desapareceu do mundo!

Este homem de triste pensar era um infeliz. O sentimento da belleza cada vez mais é o guia da perfeição dos seres na terra e o seu consolo e o seu escopo.

Quando se pensou na Exposição Nacional houve quem tivesse a grata idéia de associar Portugal ao certamen. Era a homenagem justa e era também o interesse de conhecer o progenitor com a sua vida actual, porque as exposições são grandes cursos de educação universal.

Neste fragmento, encontramos dois temas recortados e tematizados por João do Rio, o da arte portuguesa, que ele valorizou e, no da educação, a idéia de que uma exposição é um curso de educativo. Quer dizer, o fato do cotidiano que atraiu o interesse de João do Rio foi a Exposição Nacional. Neste fato, destacou a arte portuguesa, opinando que se tratava de uma homenagem justa, aliada ao interesse de conhecer nosso progenitor – Portugal, com a vida atual naquele país, e também destacou a educação. Como disse Arrigucci (1987):

À primeira vista, como (a crônica) parte de um vínculo como o jornal, ela parece destinada à pura contingência, mas acaba travando com este um arriscado duelo de que, às vezes, por mérito literário intrínseco, sai vitoriosa. Não raro ela adquire assim, entre nós, a espessura de um texto literário, tornando-se pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor, uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história.

No pequeno fragmento de João do Rio encontramos um texto elaborado com a utilização de recursos literários, como o diálogo, a liberdade que o autor aproveitou para chamar Portugal de “progenitor” pelo papel desempenhado por este país em nossa própria história. Nas palavras de João do Rio a exposição ganhou nova amplitude, tornando-se, na visão do autor, uma aula de educação universal. Ou seja, ele aprofundou e conferiu outro sentido à mostra. Aplicando o pensamento de Antonio Candido, de que o cronista pode também fazer uma reflexão, percebe-se no fragmento de João do Rio uma reflexão que o levou de encontro ao tema da educação.

No dia 16 de agosto, João do Rio destacou-se na capa da *Gazeta de Notícias*, com sua coluna “Cinematographo”, comentando a Exposição no final de semana e na terça-feira seguinte:

Domingo

Quem pode deixar de ir à Exposição? O dia está formoso, a temperatura é suave e a manhã fez-se de hortências e rosas, tão perfumadamente bella está. No automóvel que parece subtrahir a avenida na vertigem da marcha, eu penso que vou madrugar. Mas é engano de quem ignora a vida. O recinto da Exposição está cheio [...]. Cheio não só de visitantes, curiosos [...] É um torvelinho, uma barafunda de carroças, caminhões...[...].

Terça

“Aparece Bilac e nós vamos todos ver o pavilhão do *Jornal da Exposição*, feito à vista do público. O pavilhão é todo de vidro. A imprensa fica como Catão numa casa de vidro só procurava estos bellos. A imprensa da Exposição vai mostrar a belleza rápida do pensamento que se faz phrase de chumbo na linotypo e se fixa innumeravelmente em folhas de papel seguidas depois. O publico por traz dos vidros verá aquillo e dirá:

—E é isto a opinião publica! , como diz do vapor, da electricidade e de todas as grandes forças da vida.

No primeiro fragmento do texto acima, João do Rio demonstra apreço pela Exposição, convida os leitores para visitar o local e assinala o seu espanto com a transformação da vida na sociedade carioca naquele início do século XIX, devido ao impacto provocado pela chegada da máquina, que nomeia de “*vertigem da marcha*” do automóvel (grifo nosso).

Em 1911 ele recorreu a este termo para intitular seu livro “Vida vertiginosa”, que foi editado pela Garnier. Um dos trabalhos desta publicação é “O dia de um homem em 1920”, no qual ensaiava como seria a vida de um homem nove anos mais tarde, quando o homem, “movido pela pressa, ordenava seu tempo, controlava sua vida pela maquina (ou se fazia por ela controlar), acordava às seis com um jacto de luz sobre os olhos produzido por um despertador electrico”, depois tomava uma “ducha escocesa” enquanto ouvia “uma voz phonographica” anunciar as “ultimas notícias”, vestia-se e saía.

Ao sair de casa, o homem de 1920 vai cuidar dos negócios. Na volta, o motorista indaga a direção. “Para a frente! Para a frente! Tenho pressa, mais pressa. Caramba! Não se inventará um meio mais rápido de locomoção?”. João do Rio finaliza o texto assinalando que “milhões de homens disparam na mesma ancia de fechar o mundo, de não perder tempo, de ganhar, lucrar, acabar...”.

As mudanças se faziam visíveis na geografia do Rio de Janeiro. Era preciso abrir espaço para os carros se movimentarem, poupando tempo para o homem. No início do século XX o então prefeito Pereira Passos reorganizava a cidade. Morros vinham abaixo, substituídos por praças e avenidas. A ideia subjacente era a da ordem, para que a sociedade, reorganizada, rumasse para adiante.

Movimento semelhante viveu Paris (referencial do imaginário carioca da época) mais de cinquenta anos antes, quando as reformas implantadas pelo então prefeito Haussmann trouxeram a abertura de largas avenidas.

O poema e prosa “A perda da auréola”, do poeta Charles Baudelaire² faz uma leitura da chegada da sociedade de massa, a vida que se fazia mais apressada e a mudança no espaço que até então ocupavam os poetas. No poema, o poeta perde a sua auréola ao correr no momento de atravessar uma das novas avenidas, para fugir das velozes carruagens e das patas dos cavalos em disparada.

As ideias da pressa, ordenação do tempo para ganhar, lucrar, percebidas por João do Rio no início do século passado ainda se fazem presentes no século XXI, revestidas pela necessidade de otimização do tempo pois, como se diz hoje em dia, “tempo é dinheiro”.

No segundo fragmento da coluna “Cinematographo” do dia 16 de agosto, acima citado, observa-se que a ideia do poder da imprensa ressaltada no texto de João do Rio está identificada com a opinião pública e com grandes forças como a eletricidade e o vapor. Como o cronista associou a produção do jornal – o “fazer do pensamento uma frase de chumbo na linotipo” -, quer dizer, a máquina linotipo então utilizada, com a produção de vapor e eletricidade (por outras máquinas), pode-se perceber a crença na ciência como uma grande força, gerando “grandes forças da vida” e a inserção do jornal neste leque de forças. É preciso ressaltar ainda a crença na força das chamadas ciências duras, pois João do Rio atrelou a “belleza do pensamento” à elaboração deste pensamento em “phrase de chumbo na lynotipo”.

Como disse Antonio Candido, a “crônica pega o miúdo” e dele pode chegar ao universal. Para o público leitor deste fragmento de texto de João do Rio, o mesmo ensinamento que ele enxergou na Exposição – uma educação universal, poderia também estar contida nas ideias que este autor lançou, nas entrelinhas da sua apreciação acerca do poder da imprensa. Ficou ali subjacente a crença no poder da ciência.

João do Rio também aproveitou suas observações da Exposição Nacional e tematizou a moda, conforme sua coluna “Cinematographo”, publicada na

Gazeta de Notícias do dia 6 de setembro.

Segunda-feira

No Palácio dos Expositores, secção da Moda, um cavalheiro diz-me:

– É uma pena! No momento em que o Rio começa a se vestir bem, só um alfaiate expõe!

E realmente só um. Verifico e pasmo.

De um certo tempo a esta parte o homem carioca resolveu preocupar-se com a própria elegância. O homem carioca era um animal que desprezava a elegância masculina, e mesmo não a compreendia. [...]

Esta cidade era o lugar do exaggero do luxo feminino e da indigencia masculina, mesmo porque ao homem parecia preocupação de mulher cuidar um cavalheiro de ser chic”.

Este fragmento da crônica revela valores e costumes da sociedade da época no Rio de Janeiro. A ideia de que apenas as mulheres poderiam andar na moda começava a ser discutida e sair de cena. Hoje, no início do século XXI, não se cogita mais desta questão. Homens e mulheres desfilam modelos produzidos por costureiros de renome.

141

Em três fragmentos de crônicas de João do Rio apresentados neste estudo encontramos sonhos, valores e crenças da sociedade no início do século XX. Observamos uma preocupação com a educação, o espanto com a velocidade “vertiginosa” dos automóveis, a pressa do homem urbano, a crítica à corrida pelo lucro, a crença na ciência, no poder da imprensa e os costumes. A ciência tinha outros admiradores:

No meio do deslumbramento dessa nossa Exposição de 1908, não podemos bem imaginar o que seria a Exposição do anno 180 antes de Cristo – sem automóveis, sem os requintes de civilização, e principalmente sem a existência e a colaboração desta Divina Fada Eletricidade, que engendra todas as noites tantos prodígios de encenação e tantos milagres de luz.

A eletricidade despertou uma leitura encantada de Olavo Bilac, à vista no *Jornal da Exposição* sob o título “Chronica”, no dia 6 de setembro de 1908. No fragmento acima, era uma “Divina Fada”; os automóveis, um “requisite”. Bilac e João do Rio trataram de modo semelhante o progresso da ciência, a fé neste progresso, uma ideia que podemos então perceber agora, fazia parte do “espírito da época”, naqueles tempos da chamada “Belle Époque”.

O noticiário acerca da Exposição, tanto na *Gazeta de Notícias* quanto no *Jornal do Brasil*, manifestava admiração com a iluminação, considerada um deslumbramento. Segundo o noticiário da *Gazeta de Notícias* do dia 11 de agosto, “a fachada do Palácio da Industria e o Chateau D’Eau receberam 18 mil lâmpadas incandescentes de quatro, seis e oito velas’. Nos grandes salões, a iluminação distribuía-se por “38 grandes lustres de bronze da Gibson Company, guarnecidos com ricas ampolas foscas e 15 lampadas incandescentes

de 32 velas cada um”. A cúpula central da Exposição foi iluminada com “450 lampadas incandescentes de 16 velas na sanca e 350 lampadas incandescentes nos ornamentos de estuque”.

O olhar de Bilac sobre a iluminação da mostra, que ele chamou de “Divina Fada Eletricidade” revela o encantamento da época em relação às maravilhas oferecidas pela ciência. Em outras palavras, desvela um viés do chamado “espírito do tempo” no início do século XIX.

Bilac também se interessou pela moda. Mas não registrou, como fez João do Rio, que apenas um alfaiate expunha na seção da Moda do Palácio dos Expositores. Fez uma “ode” à presença feminina nas exposições, comparando os costumes do início do século XX com os hábitos de 180 AC – e neste pormenor, observamos que fez uma licença poética interdita nas narrativas jornalísticas. Este comentário de Bilac encontra-se na “Chronica” publicada no *Jornal da Exposição*, edição de 6 de setembro de 1908:

Em 180 antes de Cristo as sras. iam à Exposição montadas em camellos, ou transportadas em carros de bois, trajavam túnicas amplas e traziam os pés nus, e a cabeça descoberta. As senhoras de hoje vêem à Praia Vermelha em carruagem de luxo ou automóvel; trajam vestidos “Directorio”, calçam borzeguins de alva pellica e trazem à cabeça chapéus mais amplos do que o Palácio dos Estados e mais altos do que o Pavilhão de Minas. Mas essa é a única diferença: é sempre a sua beleza que domina tudo. Na terra dos Sabiás como na Terra dos Pharaós, em 1908 depois de Christo como em 180 antes de Christo, - só há uma coisa que dê valor a tudo: é o feitiço feminino.

Bilac lançava um olhar sagaz sobre a sociedade. Ele percebia diferenças de comportamento na população, como se vê neste fragmento da “Chronica” publicada na *Gazeta de Notícias* de 30 de agosto de 1908:

Que falta à Exposição? Falta barulho. [...]. A gente chic é adorável, mas o seu mesmo chic lhe impõe o dever de ser sisuda, entediada, enjoada e melancólica, de modo que se contarmos apenas com este escol, com esta gema, com esta nata da sociedade, a Exposição há de ser sempre taciturna, como fim de mês sem dinheiro. Onde está aqui, para as crianças, o teatrinho do João Minhoca? A tenda do tirador de fotografias instantâneas? Os cantores de modinhas brasileiras? Essa nota, profundamente nacional, seria um encanto para nós e uma surpresa e uma revelação para os estrangeiros. Já sei que o violão anda desmoralizado nas rodas da alta, mas o povo gosta muito.

O cronista poeta lançou um olhar crítico sobre a elite chic e sisuda, em comparação com a classe popular, alegre e barulhenta, apreciadora do violão e das modinhas, fora de moda nas rodas da alta sociedade. Bilac foi perspicaz e nos oferece um perfil do modo de ser dos cariocas no início do século XX. Foi um pouco mais longe até. Percebeu diferenças entre brasileiros e estrangeiros, ao comentar o que para nós era (e ainda é) natural, as modinhas e o violão, mas causariam espanto aos estrangeiros – uma “surpresa”, como disse o cronista. A surpresa seria agradável, e empregamos o adjetivo de modo proposital, para demonstrar o apreço do cronista em relação à cultura nacional.

Os “Objectos perdidos” pelo público visitante, e ainda não reclamados pelos donos, mereceram uma pequena relação publicada por Bilac na edição de 9 de setembro do *Jornal da Exposição*. O exame desta listagem oferece uma pequena amostra do público visitante. Perderam-se “uma cédula de 200, uma carteira, um rosário e duas chaves, tres lenços, leques, um pince-nez, uma bengala para criança, uma luva para senhora, um cordão com berloque e um binóculo”, entre outros objetos.

O cronista reivindicou mais de uma vez a presença do povo. Reclamou não apenas a falta da alegria e do barulho popular que poderiam ser proporcionados pelo teatrinho do João Minhoca e pelos cantores de modinhas brasileiras. Ele fez um apelo em uma das derradeiras edições do *Jornal da Exposição*:

Creio que nos últimos oito dias o Diretório faria bem, abrindo a porta monumental à entrada livre da multidão [...] Já que a Exposição vai morrer, seria justo permitir que todos, – ainda os mais humildes habitantes da cidade – pudessem admirar de perto as suas últimas horas de esplendor.

No temário recortado do cotidiano por João do Rio e Olavo Bilac observa-se o interesse pela educação, a ciência, as máquinas, os costumes, a moda, a valorização da cultura nacional. O tratamento conferido por estes autores a estas questões nos levaram de encontro a alguns valores, sonhos e modos de viver da sociedade carioca em 1908, como a crença no poder da ciência, que continuava com forte presença no início do século passado e ainda hoje; algumas diferenças entre a elite e o chamado povo – como a sisudez contida e “chic” das elites, face à barulhenta alegria popular e as crenças que “vestiam” homens e mulheres no chamado “espírito da época”, privilegiando a moda apenas para a ala feminina.

A liberdade da pena conferida aos cronistas permitiu a João do Rio e Bilac selecionar no burburinho da Exposição “o miúdo” indicado por Antonio Candido e através dele chegar a registros como o da crença no poder da ciência, a pressa, a corrida pelo lucro que atravessaram época e ainda se encontram, revisitados, neste início do século XXI.

NOTAS

¹ Com algumas alterações, o texto deste ensaio foi apresentado na mesa-redonda realizada no início de 2010 no Centro Cultural dos Correios, por ocasião da mostra “Exposição Nacional de 1908”, uma revisita ao empreendimento efetivado no início do século XIX.

² BAUDELAIRE, Charles. *A perda de auréola*. In: *Pequenos poemas em prosa*. Florianópolis, Editora da UFCS,

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Org: Setor de Filologia da FCRB. SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1002.

ARRIGUCCI, Davi Jr. *Fragments sobre a crônica*. In: Enigma e comentário. SP: Companhia das Letras, 1987.

CANDIDO, Antonio. *Ao rés-do-chão*. In: Recortes. SP: Companhia das Letras, 1993.

DIMAS, Antonio. *Bilac, o jornalista*. SP: Edusp, 2006.

PEREIRA, Margareth da Silva. 1908 – *Um Brasil em exposição*. RJ: Casa Doze Projetos & Edições.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem - notas sobre a narrativa jornalística*. SP: Summus Editorial, 1987.

PERIÓDICOS PESQUISADOS

Gazeta de Notícias

Jornal do Brasil

Jornal da Exposição

Jornal do Commercio